



A TRANSFORMAÇÃO DO PASSADO EM HISTÓRIA: O SENTIDO HISTÓRICO PARA JOHAN HUIZINGA

FERREIRA, João Pedro Guelhardi Costa¹

RESUMO

O presente trabalho é fruto da disciplina Tópicos Especiais da Operação Historiográfica ofertada pelo Profº Drº Cristiano Arrais. A partir das discussões propostas pelas disciplinas, a presente pesquisa engajou-se em entender o sentido que a história recebe ao longo das produções de Johan Huizinga. O historiador holandês ainda se encontrava submetido pelo regime da moderna concepção de ciência histórica, que instituiu um papel de reconstrução do passado para pesquisa historiográfica. Essa reconstrução deveria ser feita de forma neutra e conseguindo retrair os fatos da maneira como esses haviam ocorrido. No entanto, esse tipo de sentido é questionado quando Huizinga produz sua própria Filosofia da História, a qual evidência um contexto de decadência para a sociedade europeia. Mediante esse cenário, o autor coloca em questão sua própria forma de refletir sobre passado e história, passando a inserir no passado um sentido de orientação para o presente “decadente” em que vive.

Palavras-chave: História. Causa. Decadência. Orientação.

INTRODUÇÃO

O passado é um elemento muito singular para os homens, embora tenha passado ainda se encontra presente (RÜSEN, 2011). Isto é, mesmo tendo ficado para trás no decurso do tempo, o passado ainda insere ramificações no presente e molda os sujeitos de acordo com os desejos que tem. É diante dessas modulações que surgem os questionamentos e inquietações. É nessa incessante busca por respostas ao passado que se insere a figura do historiador.

O historiador escrutina o passado, em busca de respostas que possam sanar os desejos que o afligem ou que atormentam a sociedade em que vive. Ele esquadrinha esse tempo que já passou em busca de respostas. No entanto, esse retorno ao passado sempre levantou questões, as quais se interligavam ao próprio status da história enquanto ciência e do historiador enquanto um produtor de cientificidade.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós – Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, professor de História do Centro de Ensino em Período Integral Professora Liodósia Serra Ramos

Essas se concentravam na capacidade de se provar verdadeiro algo que não poderia ser feito nem comprovado, discussão que acarretava uma série de empasses dentro do campo histórico. Esses impasses refletiam dentro do próprio objetivo que a história deveria possuir, uma vez que ela não era uma ciência como as demais. Logo, o principal objetivo da história era trazer ao presente aquilo que já havia ocorrido, a história deveria reviver o passado. Era necessário fazer com que os habitantes do presente vislumbrassem os fatos da forma como haviam se dado.

Inserido nesta perspectiva encontrava-se Johan Huizinga, um historiador que também vai aderir à ideia de que o passado deveria vir à tona e de forma pura. Este sentido da História fica claro para o historiador dentro de sua obra “A influência da Alemanha na sociedade holandesa”, onde ele apresenta a formação do Estado Holandês, seguindo a factualidade e a cronologia.

Contudo, é importante dimensionar a produção de seu ensaio filosófico intitulado “Nas sombras do amanhã: o diagnóstico espiritual a enfermidade de nosso tempo”, o qual define uma visão de Filosofia da História. Dentro desta obra, o autor observa a atmosfera de decadência que se instaura sobre todo continente europeu, e como os parâmetros que compõem a sociedade tem desabado, A partir desse movimento é axiomático uma reformulação do sentido que este sujeito atribui à história, o qual passa a compor suas análises.

Por fim, investiga-se como essa concepção de história forjada em Nas sombras do amanhã, se insere em um de seus manuscritos mais famosos, O Homo Ludens. É de suma necessidade entender em que consiste este sentido que Huizinga atribui, e como ele se desenvolve ao longo desta obra. Desse modo, objetiva-se responder se a filosofia construída ao longo de “Nas sombras do amanhã”, conflui para dentro de outros trabalhos.

Reconstruindo o passado: a influência da Alemanha na sociedade holandesa

A relação do historiador com o passado é sempre permeada por aproximações e afastamentos, por concordâncias ou repúdios, por divinizar-lo ou demonizar-lo. Embora, retratem uma infinidade de relações que são constituídas ao longo da vida

com o passado, elas possuem um fator comum: a inquietação. Esse sentimento de angústia é reflexo de nossa conjunção com o passado, vez que mesmo tentemos nos livrar, somos lembrados que ele é parte de nós.

Esse sentimento é oriundo de toda a experiência adquirida no mundo e na sociedade que formam esse historiador. No caso de Huizinga em específico, seu trabalho nasce da necessidade de mostrar à sociedade holandesa, a relação e o alcance que a cultura alemã incitou sobre os Países Baixos. Sua obra “A influência da Alemanha na sociedade holandesa” é fruto de um conjunto de três palestras que o historiador concedeu ao Instituto Alemão-Holandês no ano de 1932.

A questão para o historiador é movida pelo desconhecimento que um cidadão holandês possui acerca dos Países Baixos ao longo do século XVII. Essa insciência é forjada por meio de uma abordagem histórica que se finda na arte, e que tem como foco principal a figura dos grandes estadistas e personalidades distintas.

Se alguém testasse o holandês contemporâneo médio de algum desenvolvimento e interesse histórico sobre seu conhecimento acerca de nossa civilização no século XVIII, poderia muito bem descobrir que seu estoque de representações positivas sobre isso consistia em uma extensão excessiva de impressões de pintura. Certamente, parece ser bem lido em Vondel, e aqueles em Hooft, um terço em Spinoza, todos eles anexariam certas memórias do tempo escolar ou leitura aos grandes nomes dos príncipes e estadistas, dos heróis navais e servos da companhia (HUIZINGA, 1948, p.414)

Percebe-se que Huizinga se coloca contra uma abordagem histórica que valorizasse a figura das grandes monarquias que se estabeleceram nos Países Baixos. Como o autor apresenta esse tipo de produção historiográfica se vinculava às pinturas, as quais são reproduzidas dentro do pensamento de autores célebres como Hooft e Spinoza. Dessa maneira, ele percebe que a historiografia da Holanda, tem delineado uma consciência histórica voltada às grandes figuras do estado monárquico holandês, deixando de lado os meandros que apontam a formação cultural da sociedade.

Ou seja, o autor se põe em confronto com esse tipo de historiografia, pois, segundo ele, fomentar a história da Holanda por meio das pinturas, encarregar-se-ia “um entendimento da natureza das instituições estatais ou uma imagem ordenada da memória do curso dos eventos provavelmente se provaria fraco e vago” (HUIZINGA,

1948, p.414). Sendo assim, percebe-se que a historiografia das grandes personalidades não conseguia fornecer um sentido para o funcionamento do aparato estatal dos Países Baixos, impossibilitando assim sua compreensão.

Os problemas que Huizinga elenca para a historiografia holandesa, abre espaço para dois questionamentos a respeito de dois pensamentos do autor. O primeiro está intrinsecamente ligado ao modo como ele concebe a dinâmica dos tempos. Percebe-se que sua preocupação em cronologizar o tempo é latente, principalmente por meio do ordenamento lógico dos eventos.

A submissão do tempo à ordem cronológica era de fundamental importância para o estabelecimento do caráter científico à produção histórica. O historicismo, por meio de suas histórias universais, forja a fórmula a ser seguida por todos os historiadores quando lidavam com o tempo. Ela consistia em constatar os fatos de modo a estabelecer uma relação entre eles, de modo que gerasse não somente uma ordem de sucessão, mas também, um encadeamento causal específico (SALOMON, 2018).

O segundo ponto que o autor apresenta concerne à concepção de história que Huizinga começa a construir ao longo desta passagem de seu livro. É notório que o autor parte de um problema presente, que instiga sua pesquisa. Esse problema é oriundo de suas palestras e da observação da falta de conhecimento que se tem sobre a história dos Países Baixos. E tal problemática, é fruto da historiografia vinculada às pinturas e aos grandes nomes monárquicos.

Contudo, a resposta fornecida a esse problema, também reforça seu vínculo à moderna ciência histórica. Dentro desta perspectiva, o historiador ainda se encontra vinculado à necessidade da objetividade, e de poder operar as fontes de modo à trazê-las ao campo presente sem nenhuma alteração. Segundo o autor,

O conhecimento da história do país, no sentido óbvio e político, tem sido, sem dúvida, maior e mais certo nas mentes de 1840 do que nas gerações que vivem hoje. Pelo menos alguns capítulos eram, sem dúvida, mais conhecidos por eles sobre literatura também. Todo o passado da pátria, com suas figuras e eventos, estava ainda mais próximo deles na época do que conosco. Nessa representação histórica de um século atrás, por outro lado, o elemento da arte visual ainda ocupava um lugar muito subordinado. É preciso fazer aqui com o fenômeno muito geral de uma mudança espiritual, que se aplica ao mundo inteiro e a toda a história: a mente tem como queridinha o material

dando oportunidade para a apperception puramente visual do passado, que ele ameaça negligenciar a leitura sobre isso e pensar sobre isso. (HUIZINGA, 1948, p.414-415)

Isto é, para o autor as gerações de 1840 tem um maior conhecimento da vida política e da história do país pelo fato de estarem próximos a esse passado. Dessa maneira, ele delimita a necessidade em tornar-se material uma percepção do passado. Ou seja, a percepção que a história deveria fornecer acerca do passado deveria ser de modo a reconstruir os fatos assim como ocorreram. Seguindo os moldes da moderna concepção de história, ele propõe um retorno que conseguisse recompor os acontecimentos, da forma como eles realmente ocorreram e de modo a estabelecer uma ideia de causa entre eles (RÜSEN, 2011).

Toda essa liderança política e econômica já havia ficado instável ou encerrada desde 1660. Mas a perda de uma liderança não significa um declínio na prosperidade. Os últimos anos do século XVII foram o destaque para a República, tanto política quanto economicamente. Somente depois de 1700, na Guerra da Sucessão Espanhola, a inevitável tragédia do nosso Estado se segue. Forçada a participar do conflito europeu como uma grande potência, a República desempenha seu papel com honra, mas às custas dessa posição em si. (HUIZINGA, 1948, p.437)

Nota-se que a narrativa segue uma linha cronológica que estabelece sentido entre os fatos, de modo a promover uma ideia de correlação. Essa correlação, estipula uma visão de desenvolvimento, o qual acarreta um ideário do progresso histórico nos Países Baixos. Assim, é visível que a obra “A influência da Alemanha na Civilização Holandesa” apresenta uma concepção de história atrelada ao progresso, inserindo uma lógica teológica ao desenvolvimento dos Países Baixos. Essa lógica é reflexo dos vínculos que Huizinga possui com o historicismo e com a história factual. Dessa maneira, a significação dos acontecimentos do passado para o presente aína é permeada por meio da factualidade de tais acontecimentos (RÜSEN, 2011).

Nas sombras do amanhã: a filosofia da história de Johan Huizinga

Nas sombras do amanhã: um diagnóstico da enfermidade espiritual de nosso tempo fora uma obra fruto das conferências proferidas por Huizinga em Bruxelas, no ano de 1935. Trata-se de um manuscrito em que o autor discute os caminhos que a sociedade europeia tem traçado, e em que sentido isso a leva para a sua total

decadência. Dentro dessa discussão o autor apresenta uma filosofia da história, que nos permite observar a relação que o historiador constrói com a História.

O eixo central que estrutura “Nas sombras do amanhã” é postulado por meio da ideia de decadência. Segundo o autor, os pilares que sustentavam a sociedade europeia, como justiça, bondade, honra e coragem, já não são mais elementos que constituem a cultura da Europa. A derrocada desses elementos incitava o começo o caos no continente e a ascensão da barbárie. Parte desse pensamento, era oriundo da própria experiência do autor, a qual conflui diretamente em alguns capítulos da obra.

É importante predizer que esse tipo de abordagem, demonstra como o historiador percebe que a aproximação entre sujeito e objeto se dá pela autoexperiência, o que sugere uma união entre esse sujeito e esse objeto (ANKERSMIT, 2016). Sendo assim, observa-se que a obra fundi elementos originários da experiência do próprio autor, os quais refletem o sentimento de uma derrocada da sociedade.

Por toda parte pairam dúvidas quanto à solidez da estrutura social em que vivemos, um vago receio do futuro próximos sentimentos de declínio e esgotamento da civilização. Não se trata meramente de ansiedades que nos assaltam na calada da noite, quando a chama da vida queima mais baixo. São antes expectativas nascidas da reflexão fundadas na observação e no juízo (HUIZINGA, 2017, p.19)

Ou seja, nota-se que o quadro de decadência que Huizinga enxerga se formar na sociedade europeia tem seus fundamentos propostos por meio de observações e juízos de análise. Desse modo, não se consolida como um mero sentimento de angústia, ou como o autor chama uma “ansiedade que nos assalta na calada da noite”. A decadência se trata de uma condição que se constrói ao longo da cultura da Europa, a qual o historiado experimenta ao longo de seu século.

É importante dimensionar como esse ato de experimentar será valioso a Huizinga. Para o autor “a experiência torna-se, então, a variável, determinante, pois o eixo vertical da experiência vai regulamentar a linguagem: uma experiência intensa do mundo, uma proximidade entre sujeito e objeto.” (ANKERSMIT, 2016, p.218). Logo, percebe-se como “Nas sombras do amanhã”, vai ter suas reflexões fundamentadas

nas experiências o historiador, de modo que essas vão formulando questionamentos à história, com o intuito de que esta forneça sentido ao agir humano.

Dentro da obra o autor deixa claro a existência de uma função da história. Ela teria com objetivo servir de guia a todos os espíritos que se encontravam perdidos e desacreditados no momento de crise. Segundo ele “[...] ainda que a autópsia historiográfica não prometa terapias para o presente nem sequer um prognóstico, qualquer meio que ajude a entender a natureza do mal deve ser tentado” (HUIZINGA, 2017, p.31). Identifica-se que o autor não determina que a história será capaz de corrigir os problemas que assolam ao presente, e também não promoverá um prognóstico do que estaria porvir.

A história para Huizinga já não tem um vínculo com a temporalidade futura. Ela já não se insere em uma perspectiva evolucionista que termina no ápice do progresso humano. Aliás, o autor até mesmo se refere ao fato de o termo progresso estar desaparecendo da linguagem dos sujeitos. Percebe-se que a história para ele, se aproximaria de uma teleologia da ação, ou seja, ela estaria vinculada ao agir humano no decurso do tempo. Assim,

Todo sentido de ação possui feições teleológicas uma vez que abre perspectivas de futuro diretores do agir. Também o pensamento histórico está sempre vinculado a algum tipo de teleologia, porque se encontra sempre relacionado com o fato de que o agir é determinado por um sentido, e que um elemento teleológico sempre faz parte de tal determinação. De modo a poder ser considerado pleno de sentido, o pensamento histórico tem de ser ao menos conciliável com a teleologia da ação – pois não pode haver sentido temporal não existindo uma teleologia da ação. (RÜSEN, 2011, p.272)

A ação dentro de “Nas sombras do amanhã” se delimita como vetor primordial. Essa ação é vinculada a uma necessidade de sentido, a qual é fornecida pela abordagem histórica. Sendo assim, a abordagem histórica conferia sentido ao sentimento de crise, possibilitando que os sujeitos estabelecessem o seu agir. Embora, não pudesse atenuar os males que o presente desenvolve em meio a decadência, a explicação histórica poderia fornecer sentido ao ambiente que se desenrolava.

Logo, é perceptível que a elaboração da análise histórica em Nas sombras do amanhã é originária de inquietações do presente. Essa tomada não diverge muito da abordagem que o historiador estabelece em “A influência da Alemanha na sociedade

Holandesa”, a qual também se inicia a partir de questões oriundas do tempo de Huizinga. A principal divergência em ambos os trabalhos reside na consciência de uma função da história, a qual fundamenta visões dispares. Sendo a primeira ligada à necessidade em se abordar o passado de modo objetivo e que siga uma ordem causal. Já a segunda, mediada pela teleologia da ação, define uma história que atenta às inquietações do tempo presente e que consiga fornecer sentido aos indivíduos.

O homo ludens: o lúdico e a história

No ano de 1938 Huizinga publicava seu livro intitulado “Homo ludens”, a qual teria como tese central o jogo. Dentro de sua obra o jogo é abordado como uma realidade originária, a qual corresponde a um dos elementos mais primitivos e enraizados na realidade humana. Assim, segundo o autor o jogo é elemento constituinte de toda a cultura, sendo subjacente em todas as artes de expressão e competição, como a poesia, a política ou até mesmo a tribuna.

É importante observar que dentro da obra se desenrolava a visão crítica do historiador que via acender uma convulsão cultural em seu tempo, e desse modo ansiava compreender o processo histórico que havia conduzido até o atual momento. Desse modo, é notório em seu prefácio a necessidade entre “escolher escrever agora ou nunca mais; e optei pela primeira opção) (HUIZINGA, 2000). Percebe-se que a inquietação com o desenrolar dos parâmetros da cultura que lhe é contemporânea, observando os percursos que a conduzem até a barbárie.

De acordo com o autor a cultura moderna promovia uma cultura puerilista, a qual incitava a operação de comportamentos imaturos aos sujeitos que acabavam perdendo seu senso de clareza e racionalidade. Nesse sentido, quanto mais analisava elementos presentes em sua época, mais difícil era determinar os impulsos culturais que se erigiam para a sociedade. Tal problema ocorria, porque somente pelo elemento lúdico presente no jogo é que a sociedade rompia com a cadeia determinista e se inseria nos parâmetros fundamentais.

A verdadeira civilização não pode existir sem um certo elemento lúdico, porque a civilização implica a limitação e o domínio de si próprio, a capacidade de não tomar suas próprias tendências pelo fim último da humanidade, compreendendo que se está encerrado dentro de certos limites livremente aceites. De certo modo, a civilização sempre será um jogo

governado por certas regras, e a verdadeira civilização sempre exigirá espírito esportivo, a capacidade de fair play. Para ser uma vigorosa força criadora da cultura, é necessário que este elemento lúdico seja puro, que ele não consista na confusão ou no esquecimento das normas prescritas pela razão, pela humanidade e pela fé. (HUIZINGA, 2001, p.234)

O elemento lúdico seria elemento chave na composição da civilização, vez que implicaria no controle das tendências que implicam no fim último da humanidade. Ou seja, esse elemento proveria a determinação de limites e impõe o estatuto do que é permitido e o que é proibido. Dentro desse universo, a civilização deve conservar sua capacidade de fair play, tornando-se assim uma força criadora de cultura.

O homo ludens traz à tona uma preocupação latente do historiador com elementos que compõem sua cultura. Partindo dos elementos que formam o jogo, o historiador reflete sobre os caminhos que seu tempo tem tomado, o qual consiste na extinção dos pilares da sabedoria e da justiça. Parte desse deslocamento, residiria em parte na distância que o presente se coloca do passado, o qual ocasiona um puerilismo da cultura e extirpa a distinção entre jogo e vida.

Temo-nos gradualmente aproximado da conclusão de que a civilização tem suas raízes no jogo, e que para atingir toda a plenitude de sua dignidade e estilo não pode deixar de levar em conta o elemento lúdico. Em nenhuma outra instância o respeito às regras do jogo é mais absolutamente necessário do que nas relações internacionais; se essas regras são desrespeitadas a sociedade cai na barbárie e no caos. Por outro lado, é precisamente na guerra moderna que o homem volta à atitude agonística que inspirava o jogo primitivo da guerra tendo em vista o prestígio e a honra. (HUIZINGA, 2001, p.234)

O jogo define-se como um elemento formador da sociedade de modo que a civilização só se mantém funcional quando fomenta a vivência do elemento lúdico em seu interior. Observa-se que até mesmo dentro das relações internacionais o jogo se faz necessário, vez que ele estabelece as regras que distanciam as nações da barbárie. Contudo, a guerra se caracteriza como um elemento de retorno ao jogo primitivo, que estimula a tendência ao prestígio e a honra. Logo, o jogo define-se como elemento fundamental na constituição cultural, sendo ele próprio fomentador de cultura.

A obra “Homo Ludens” retoma a preocupação de Huizinga acerca da função da história, uma vez que remonta uma série de análises acerca da importância do jogo na construção da cultura. Sua preocupação com os caminhos que a sociedade

européia tinha tomada, preconizava uma deturpação no âmbito cultural, a qual forjava um cenário de decadência em diversos ramos da sociedade européia. Parte desse problema ele observa acender dentro de uma visão puerilista que se constrói em seus contemporâneos, a qual considera elementos cruciais na formação do corpo social como partes de um jogo. Ao estabelecer essa crítica, ele observa que esse tipo de pensamento, extirpa o caráter lúdico dos jogos, que é o grande responsável pela formação criativa dos elementos culturais. Desse modo, o jogo perde sua essência primitiva, adequando-se aos desígnios dos sujeitos que o utilizam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as três obras de Huizinga percebe-se uma significativa mudança no sentido em que o historiador atribui à história. Em um primeiro momento percebe-se a necessidade em demonstrar o caráter científico da disciplina, o qual vincula-se à ideia do afastamento e da distância. Esse afastamento é reforçado por meio de uma análise que se coloca à distância dos fatos, e que os insere em uma cronologia que configure sentido a esses fatos. Enxerga-se que o princípio da história não se encontra no próprio presente, mas, no passado em si. Este passado por sua vez, deve ser remontado respeitando o juízo de causalidade que se estabelece entre os acontecimentos.

Contudo, um dos principais problemas dos historiadores reside na significação e nos status dos juízos causais, vez que é impossível isolar um fator histórico e avaliar sua significação (DRAY, 1969). Dessa forma, é impossível que um historiador reconstrua o passado da maneira que ele existiu, pois, a atribuição de significado àquela causa, parte inicialmente do próprio sujeito. Huizinga ao partir de sua concepção moderna da ciência histórica nega esse elemento, e estabelece uma pesquisa que analisa o passado como um elemento desgarrado do presente. No entanto, sua forma de lidar com os fatos conduz a uma ideia vinculada ao futuro e a possibilidade do progresso na sociedade dos Países Baixos.

Já em *Nas sombras da manhã* observamos a consolidação de uma Filosofia da História promovida pelo historiador. Ela se insere em uma perspectiva que enxerga o

decadentismo da sociedade europeia e a derrocada dos valores que formam a alta civilização. O repertório utilizado por Huizinga, reúne uma série de elementos que ele considera terem sido perdidos ao longo do século XX. A partir dessa leitura dos problemas que se arregimentam na Europa, o historiador propõe o espaço que a história seria inserida. Segundo ele, não é possível fornecer soluções ao presente, e já não existia a possibilidade de prognosticar o futuro. A história se abre como o campo da orientação, para propor alternativas às novas gerações. Ela é responsável por fornecer a continuidade da cultura, concedendo assim ao *porvir* uma possibilidade da mudança.

Por fim, em o “Homo Ludens” o historiador atribui a história o papel de compreender o presente, focando principalmente no jogo, elemento o qual é formador dessa cultura. Tendo em vista isso, Huizinga aponta a formação de uma visão pueril que se desenvolve no campo social, a qual passa a considerar o jogo como formador de regras e disputas no âmbito político, científico, artístico e econômico. Contrapondo-se ao jogo primitivo e seu caráter lúdico, essa postura encerra, a capacidade criadora dos indivíduos. Neste sentido, Huizinga propõe a necessidade de um retorno ao primitivismo do jogo, o qual promove a construção cultura.

REFERÊNCIAS

ANKERSMIT, F.R. **Experiência histórica: Além da virada lingüística**. In: A escrita da história: a natureza da representação histórica. Londrina, PR: Eduel, 2016

DRAY, W. **O juízo causal em história**. In: Filosofia da história. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

GALLIE, W. **Narrativa e compreensão histórica**. In.: MALERBA, J. História & narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

HUIZINGA, Johan. Nas sombras do amanhã: um diagnóstico da enfermidade espiritual de nosso tempo. Tradução e notas de Sérgio Marinho. Goiânia: Caminhos, 2017.

_____. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

_____. A influência da Alemanha na Civilização Holandesa. In: Trabalhos Recolhidos Parte.2 – Países Baixos. 1948.

RANCIÈRE, J. **O conceito de anacronismo e a verdade do historiador**. In.: SALOMON, M. História, verdade e tempo. Chapecó, SC: Unochapecó, 2011. (pdf)

RUSEN, J. **Pode-se melhorar o ontem?** In: SALOMON, M. História, verdade e tempo. Chapecó, SC: Unochapecó, 2011. (pdf)

SALOMON, Marlon. Heterocronias. In: SALOMON, Marlon (org.). *Heterocronias: estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos*. Goiânia, GO: Edições Ricochete, 2018. p. 8-38.

WHITE, H. **O passado prático**. ArtCultura, Uberlândia, v.20, n.37, p. 09-19, 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/47235/25563>